

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA- UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ADILSON ANTÓNIO CORAGEM

**A SECA NO SUL DE ANGOLA.
CORPOS EM CRISE, MÍDIA E POSICIONAMENTO DO
ESTADO NA PROVÍNCIA DO CUNENE (2015 e 2019).**

**ACARAPE-CE
2020**

ADILSON ANTÓNIO CORAGEM

A SECA NO SUL DE ANGOLA.

**CORPOS EM CRISE, MÍDIA E POSICIONAMENTO DO
ESTADO NA PROVÍNCIA DO CUNENE (2015 e 2019).**

Projeto apresentado como
requisito parcial para a conclusão do
curso de Bacharelado em Humanidades
da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira como sob a orientação da
Profa. Dra. Anne Sophie Marie
Frederique Gosselin..

ADILSON ANTÓNIO CORAGEM

**A SECA NO SUL DE ANGOLA.
CORPOS EM CRISE, MÍDIA E POSICIONAMENTO DO ESTADO NA
PROVÍNCIA DO CUNENE (2015 e 2019).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado
Interdisciplinar em Ciências Humanas do
Instituto de Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, para a obtenção do Título de
Bacharel em Humanidades.

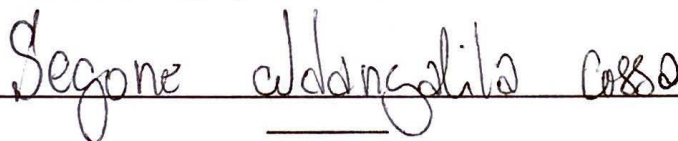
Orientadora: Prof.^a. Dra. Anne Sophie
Marie Frederique Gosselin.

Aprovado em: 04 / 02 / 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dra. Anne Sophie Marie Frederique Gosselin. (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Prof.^a. Dr. Segone Ndangalila Cossa (Examinadora Interna)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Prof.^a. Dr. Eduardo Gomes Machado (Examinadora Interna)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico este trabalho aos meus valiosos pais António Coragem Xiquengue e Anita Tomás Malanga, pelo grande esforço investido no início e no decorrer da minha formação. Também estendo a dedicatória para os meus irmãos e amigos que sempre estiveram comigo, apoiando-me direta e indiretamente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente exteriorizo os meus agradecimentos a Deus por me energizar a saúde, ânimo e toda força necessária para viver e tornar realidade este projeto.

Aos meus pais que com muito amor me trouxeram ao mundo e com humildade me criaram ensinando-me: “o caminho para o sucesso parte da sede em buscar os conhecimentos e a sabedoria”. Agradecê-los pelo apoio nos meus fracassos e nos meus sucessos; sem esquecer de destacar o grande esforço financeiro investido na minha viagem para o Brasil com propósito de dar continuidade na minha formação na Unilab, sou eternamente grato!

Também os meus agradecimentos são extensivos aos meus familiares que o Brasil, nomeadamente Redenção me proporcionou: Carlos, Eunice, Pedro Mateus, Maria, Lóide, Cristina, André, Telma, Bonifácio, Adriano, Marcos, Eugénio, Adilson Camandala, Alfredo, José Malanga, Morena Ngola, Paulo Miguel, Sabino, Abel, Bráulio.... Agradeço imenso pelo vosso apoio direto ou indiretamente.

Semelhantemente, estender os meus sentimentos de gratidão à minha orientadora professora Doutora *Anne Sophie Gosselin*, por possuir uma excelente personalidade e capacidade intelectual, pois, tais qualidades geraram uma orientação excepcional e concomitantemente a conclusão deste trabalho. Sou grato pela paciência e dedicação prestada em cada momento.

Por fim, as minhas amigas, meus amigos e familiares em geral, por fazerem parte da minha vida, pois, sem vocês ao longo desses anos de formação, certamente que o meu trajeto seria mais difícil.

LISTA DE SIGLAS

ANGOP - Agência Angola Press.

DW - Deutsche Welle. - Onda Alemã.

INE – Instituto Nacional de Estatística.

PDAN - Post Disaster Needs Assessment - Avaliação das Necessidades Pós-Desastre.

TPA – Televisão Pública de Angola.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	10
3	HIPÓTESES.....	13
4	OBJETIVOS	14
4.1	OBJETIVO GERAL	14
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
5	JUSTIFICATIVA.....	15
6	PISTAS DE ANÁLISE TEÓRICA	16
6.1	Analisar a seca no sul de Angola (2015-2019).....	16
6.2	O Estado e suas políticas face à seca no Cunene	21
6.3	Corpos em crise no Cunene.....	25
7	METODOLOGIA	28
8	CRONOGRAMA.....	29
9	FONTES.....	30
10	. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

A seca é um fenómeno dito “natural” geralmente visto como inevitável, principalmente numa realidade e/ou país como Angola com poucas infraestruturas que possibilitam a produção de bens e serviços. Com o cessar da guerra civil, em 2002 – que durou cerca de 30 anos – a República de Angola se deparou inesperadamente com graves dificuldades ao nível das infraestruturas mais básicas, desde a energia eléctrica, transportes, água e saneamento básico (AMARAL¹, 2018). Tal fenómeno acarreta consigo seguimentos que claramente afetam várias estruturas, desde o social, económico e político. Hoje, problematizar tal fato, torna-se necessário.

Na parte sul de Angola, bem como em alguns países da África Meridional, a ocorrência da seca é notória há muitos anos, impactando nocivamente as regiões. Conforme Pinazza (1993, p. 45) “a parte meridional do continente africano teve violenta quebra na colheita da safra de grãos 1991/92, [...] este desastre adveio da forte insolação e baixa precipitação durante o ciclo das lavouras”. Atualmente, a problemática da seca ainda é notificada propriamente na região sul de Angola. Segundo o PDNA (*Post Disaster Needs Assessment* - Avaliação das Necessidades Pós-Desastre - nov./2016), algumas áreas no sul de Angola, bem como outras partes da África Austral, sofreram secas recorrentes entre 1981 e 2016. Verifica-se então que episódios de seca já vêm assolando a região do sul de Angola desde pelo menos 40 anos, nomeadamente na província do Cunene, deixando consequências expressivas devido à permanência deste fenómeno ao longo dos anos.

Este trabalho propõe analisar e problematizar como o Estado angolano se posiciona diante das secas patenteadas na província do Cunene, a partir dos discursos produzidos e divulgados pela mídia. Considerando que a seca tem os seus impactos na sociedade, todavia, o modo que se encara tal fenómeno e as suas consequências, de certa maneira trazem outros olhares para a problemática e as possíveis soluções. Torna-se necessário buscar saber como a mídia apresenta o

1 Graduado no Curso de Administração Pública, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Relações Internacionais (CIS) em Angola.

caso, que tipo de mensagem ela nos passa a respeito da seca e os seus impactos nos indivíduos, seus corpos e suas vidas.

FIGURA 1: Criança bebendo água inapropriada na província do Cunene.



Fonte: ANGOLA24HORAS² (2019).

FIGURA 2: Mãe com bebê ao lado de animais desfalecendo devido à escassez da água.



Fonte: ANGOLA24HORAS³ (2019).

A partir das imagens acima, publicadas pelo jornal de notícia ANGOLA24HORAS, é possível pensarmos até que ponto a ideia de miserabilismo está sendo pregada sobre as populações que vivenciam a seca na província do Cunene. Ademais, é notório a exposição de uma miséria extrema sobre os corpos (humanos), associando o fenômeno da seca com a miséria de indivíduos marcados visivelmente nos seus corpos. Esta perspectiva faz deste fenômeno dito “natural” um problema sociológico que carece de atenção por parte da comunidade acadêmica e dos governantes angolanos.

2 Disponível em: <https://bit.ly/2RDnjlj> Acessado em 13/12/2019.

3 Disponível em: <https://bit.ly/2U5D9qw> Acessado em 13/12/2019.

2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Cunene é uma das 18 províncias que constituem a República de Angola, ela situa-se ao sul do país. Segundo os dados do último censo populacional feito em Angola pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2014), a província do Cunene possui 990 087 habitantes dos quais 21% residem em zonas urbanas e 79% em zonas rurais.

FIGURA 3: Mapa de Angola, destacando a província do Cunene.



Fonte: ANGOP⁴ (c. 2013)

A agência de notícias ANGOP (*Agência Angola Press*), na sua edição online de 16/05/2019, intitulada “A seca ‘mora’ no Cunene”⁵, apresenta a mesma como sendo “uma situação grave”: “o cenário é de comoção e retrata a dor de um povo que teme pela vida”. O mesmo jornal assemelha a situação da seca na província, com os cenários de crise humanitária dos tempos da guerra civil vivenciada em Angola entre 1975 e 2002. A notícia ainda denuncia a falta de realismo no tratamento dessa conjuntura pelas televisões que não mostram a situação conforme é. E ainda chama atenção do poder Executivo para se atentar mais afundo ante o contexto que se vive nesta província.

Segundo dados levantados pelo jornal supracitado, extraídos do governo provincial do Cunene, publicados na edição online de 27/04/2019, intitulada “Seca no Cunene com números assustadores”⁶, o Cunene é a província da região sul do país mais afetada por este fenômeno. Desde outubro de 2018, este fato sazonal já afetou

4 Disponível em: <https://bit.ly/2OaSKRJ> acesso em 02.12.2019.

5 Disponível em: <https://bit.ly/36ENYm6> acesso em 21/11/2019.

6 Disponível em: <https://bit.ly/2RGsHUZ> acesso em 21/11/2019.

171 488 famílias, representando 79,1% da população da província. Essas populações sofrem devido a essas circunstâncias tratadas como sendo manifestações da pior de todas as secas ocorridas no local.

A *Agência Angola Press (ANGOP)* é uma empresa pública equipado de personalidade jurídica e de emancipação em termos administrativos, financeiros e patrimoniais. A agência de notícias é exclusiva a nível do país que tem como desígnio recolher, tratar e distribuir, em comando excepcional, tanto dentro como fora de Angola. Notícias com âmagos numa informação objetiva sobre a atualidade tanto nacional e internacional. A ANGOP foi criada em julho de 1975, ela mantém boas relações com a Agência Panafricana de Notícias (PANA), cujo Desk Português funciona em Luanda. Tem igualmente relações com as agências Lusa (Portugal), Prensa Latina (Cuba) AFP (França), Xinhua (China), Efe (Espanha) e Reuters (Grã-Bretanha), entre outras. Segundo o site oficial da agência.⁷ (ANGOP, c. 2013).

O jornal de notícias *DW (Deutsche Welle - Onda Alemã)*, nas suas publicações que discorrem sobre a seca em Angola “Fome e seca no sul de Angola: Estado de emergência já devia ter sido declarado? ” Edição online de 08/08/2019, declara “Milhares de famílias têm sofrido com a situação e inclusive as aulas já tiveram de ser interrompidas em algumas alturas. ” A mesma notícia chama atenção dos leitores sobre o posicionamento do Governo angolano, levantando a possibilidade de haver mais ajuda por parte da comunidade internacional, caso o Executivo declarasse o estado de emergência. Considerando os números que este episódio tem provocado na região, é necessário dar mais atenção ao fenómeno, diz o jornalista.⁸

DW é a emissora internacional da Alemanha. Cumpre a sua missão legal através da televisão, rádio e internet. Segundo o site oficial da emissora, “DW significa informações detalhadas e confiáveis em 30 idiomas”. Ela atinge mais de 197 milhões de pessoas semanalmente. Conta com uma rede de satélites, aproximadamente 5.000 estações parceiras, na Internet e na distribuição móvel. Transmitem seus

7 Disponível em: <https://bit.ly/2RXIQ7j> acesso em: 26/11/2019.

8 Disponível em: <https://bit.ly/36CVcqH> acesso em 26/11/2019.

conhecimentos por mais de 50 anos e promovem o desenvolvimento da mídia em todo o mundo. (site oficial da DW, c. 2019)⁹

As notícias publicadas pela ANGOP, bem como DW-África, dão conta do lance desumano que a população do Cunene atravessa devido à seca. A partir das publicações, os desditosos são apresentados como “barrigas vazias para preencher”, como “debilitados e carentes extremos”, bem como “cadáveres em formação”. Desde já, é possível verificar a construção do miserabilismo em torno do corpo declarado pobre ou sofrido, ou melhor, dos que estão atravessando tal conjuntura naquela localidade.

Zeneidi-Henry (2002 tradução nossa), ao falar dos “corpos pobres”, coloca que, em cada ocasião de aflição que os ditos pobres passarem, acontecem o mesmo ritual, i.e., voltarão à mídia. Verificando assim nesta ocorrência o quanto o corpo dos pobres ocupa o centro do palco, o quanto é uma preocupação nos discursos e nas representações atuais. Entretanto, esta visibilidade muitas vezes vem se não para apregoar ou construir uma dada miséria sobre tais corpos, concomitantemente a sua exclusão, como se não importasse.

Ainda nesta senda, trabalhar-se-á o corpo enquanto um abjeto, sabendo que “o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’.” (PRINS e MEIJER 1998, p. 161). Nestes moldes, um corpo é abjeto, a partir do momento que as políticas ou discursos são construídos neste (s) corpo (s) e que evidentemente não lhe favorece enquanto merecedor de vida e expressão.

A seca no sul de Angola é um fenômeno presente a mais de 37 anos, ou seja, há muitos anos a população do Cunene enfrenta um evento geralmente visto como inevitável. Dado esse fato, pensarmos nas ações do Estado em virtude deste fenômeno é fundamental para percebermos até que ponto os corpos de alguns importam mais do que outros e como o Estado contribui para ato de alijar alguns (se não a maioria).

9 Disponível em: <https://bit.ly/2OaTer1> acesso em 27/11/2019.

Em face do exposto, este projeto sugere responder à seguinte pergunta: na visão midiática como o Estado angolano com suas políticas em razão da seca na região sul do país, tem dado conta ou não da crise humanitária na província do Cunene?

3 HIPÓTESES

Como vimos, segundo o PDNA e alguns periódicos de notícia, a seca no sul de Angola, não é um fenômeno recente. Este fato é notório a muitos anos, conforme o discurso da mídia local e, no decorrer dos tempos, a seca nesta região sempre esteve presente, com mais ou menos severidades ou visualidades, todavia sempre esteve lá.

Existem vários fatores e consequências para este episódio, claramente que uns são inevitáveis e outros que podem se evitar. A UNICEF¹⁰ em seu site de notícia, edição online de 14/08/2019, declara: Muitos habitantes na região sul de Angola, buscam se “reinventar” em busca de sobrevivência.

Surgem então algumas hipóteses que poderão direcionar a nossa pesquisa:

- O discurso midiático sobre a seca reforça o miserabilismo associado a corpos sofridos e participa da (des) legitimação das ações do Estado.
- Publicamente, o Estado Angolano sempre demonstrou interesse pelas vidas no Cunene, porém afirma que a falta de fundo monetário inviabiliza o avanço dos projetos para o combate à seca.
- Desde as aparições do fenômeno da seca, o Estado angolano não prestou a atenção devida, nem criou políticas sustentáveis para acudir a problemática da seca no Cunene.

10 Disponível em: <https://uni.cf/2U73Wmo> acesso em 26/11/2019.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo geral, compreender a partir da perspectiva midiática, como o Estado angolano com suas políticas perante a seca no sul de Angola, tem sido capaz de acudir ou não a conjuntura na província do Cunene?

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Compreender o fenómeno da seca no sul de Angola.
- b) Compreender como o Estado se assume ou não, ante a situação da seca no Cunene (na visão da mídia).
- c) Analisar como os jornais relatam as adversidades enfrentadas pelos corpos na província do Cunene.

5 JUSTIFICATIVA

A seca é um fenômeno que nem sempre devaste a uma sociedade, sendo assim, a seca em si não seria um problema para sociologia. Porém, desde o momento que esta começa a abalar uma agremiação, torna-se relevante pensar sociologicamente.

“No entanto, longe de ser uma fatalidade climática, as secas são acima de tudo um problema sócio-político. A pobreza do nordeste não é apenas sobre causas climáticas, longe disso, mas sociais, demográficas e políticas que a situação climática catastrófica está piorando. Secas ajudar a revelar os problemas estruturais da pobreza e fortalecer fluxos migratórios que já existem durante períodos normais. [...] Todas as secas quanto os fluxos migratórios das populações rurais pobres para bairros pobres nas grandes cidades são acima de tudo um problema sociopolítica denunciada por muitos nordestinos como falta de vontade política de agir”. (Gosselin, 2011, p.84-85).

Nesta senda, pensar a seca no âmbito sociológico é muito relevante, pois envolve várias estruturas dentro da construção deste fenômeno e a sociedade em si precisa pensar ou questionar tal fato.

Segundo os números do ano de 2016 fornecidos pelo Governo de Angola para o PDNA, só em 2016, existiam 1.139.064 pessoas afetadas pela seca nas três províncias: 755.930 no Cunene, 205.507 na Huíla e 177.627 no Namibe. Realçando que ao longo dos anos a seca prevaleceu em Angola (PDNA, 2016). O que já traspassa de um problema climático para sociológico dada aos números dos afetados pelo fenômeno seca.

Ademais, esta pesquisa torna pertinente porque contribuirá para o aumento da ciência, dando possibilidades de instigar discussões na comunidade acadêmica sobre o assunto apresentado aqui. Aliás, há pouco conteúdo que discute o assunto na realidade Angola e de certa maneira, o trabalho também servirá de contributo para o meu país de origem.

Assim sendo, o projeto torna-se relevante a partir das perspectivas acima mencionadas.

6 PISTAS DE ANÁLISE TEÓRICA

6.1 Analisar a seca no sul de Angola (2015 e 2019)

Para Favelo e Diesel (2008, pg. 202), “a seca, por sua vez, é um desequilíbrio temporário na disponibilidade de água. Porém, o desequilíbrio causado pela seca é sempre natural, embora a ação do homem possa intensificá-lo. ” Ademais, Melo (2017) apresenta a seca como sendo um fenômeno de mudança climática tipificada pelo desprovisionamento de água por um longo período de tempo. Em vista disso, no período da seca, a água disponível encontra-se abaixo dos critérios habituais de uma determinada região geográfica, não sendo, portanto, suficiente para satisfazer as necessidades dos seres humanos, dos animais e das plantas.

Adentrando para uma análise mais sociológica; “a seca é um *hazard*¹¹ porque é um evento natural socialmente danoso, de ocorrência imprevisível quanto ao seu início e seu término bem como quanto a sua severidade e de recorrência reconhecida ” (FAVELO e DIESEL, 2008, pg. 202). Os estudos dos *hazards* nos encaminham para o assunto dos desastres. A Teoria dos Desastres sublinha especificamente os aspectos sociais, para nos elucidar as repercussões na ocorrência de um *hazard*. Isto é, vai se compreender como se deu um *hazard* a partir de um desastre. Numa situação de Hazard, ela pode gerar um desastre (FAVELO e DIESEL, 2008). Logo, a seca como um hazard não é propriamente um problema sociológico, é necessário pensarmos a seca a partir da Teoria dos Desastres, pois, é a partir desta perspectiva que estaremos diante de uma “patologia social” (MATTEDI e BUTZKE, 2001). Neste texto, os autores apresentam o que é um desastre nos limites da sociologia: “em termos sociológicos, sua utilização reporta-se, especificamente, a um acontecimento, ou uma série de acontecimentos, que alteram o modo de funcionamento rotineiro de uma sociedade. ” (Ibid. 2001, p. 09)

Assim também, é considerado um desastre quando os impactos físicos afetam até subunidades de uma sociedade. Conforme Favero, Sarriera e Trindade (2014, pg. 205 *apud* Fritz, 1961, p. 312)

11 “Um Hazard constitui uma ameaça para a sociedade. Pode-se dizer que um Hazard existe somente por que as atividades humanas se encontram expostas a forças naturais. Portanto, um Hazard é composto de uma dimensão natural e uma dimensão social.” (MATTEDI e BUTZKE, 2001, p. 09).

Eventos, observáveis no tempo e espaço, no qual as sociedades ou suas subunidades (comunidades ou regiões) sofrem danos físicos e perdas e/ou rupturas no funcionamento de sua rotina. Ambas, causas e consequências desses eventos estão relacionadas com as estruturas sociais e processos das sociedades ou suas subunidades.

Sub o mesmo ponto de vista, sociologicamente o desastre é “um produto social como expressão da vulnerabilidade da sociedade humana que depende da interação entre os seres humanos e sua utilização do espaço físico e social”. (FAVERO, SARRIERA e TRINDADE, 2014, p. 312 *apud* BRITTON, 1986, p. 254).

O último conceito é muito fundamental para nos levar a compreensão que em termos sociológicos, o desastre sobrevém sempre devido à ação humana; isto é, “[...] o agente do Desastre não pode ser considerado como um fator externo ou independente do contexto social [...]” (MATTEDI e BUTZKE, 2001, p. 13). Nos levando assim a pensar que, num cenário com evidências de hazards, criando as condições e/ou ferramentas necessárias dada a conjuntura, por certo, é possível evitar ou reduzir os impactos de um desastre (FAVERO, SARRIERA e TRINDADE, 2014).

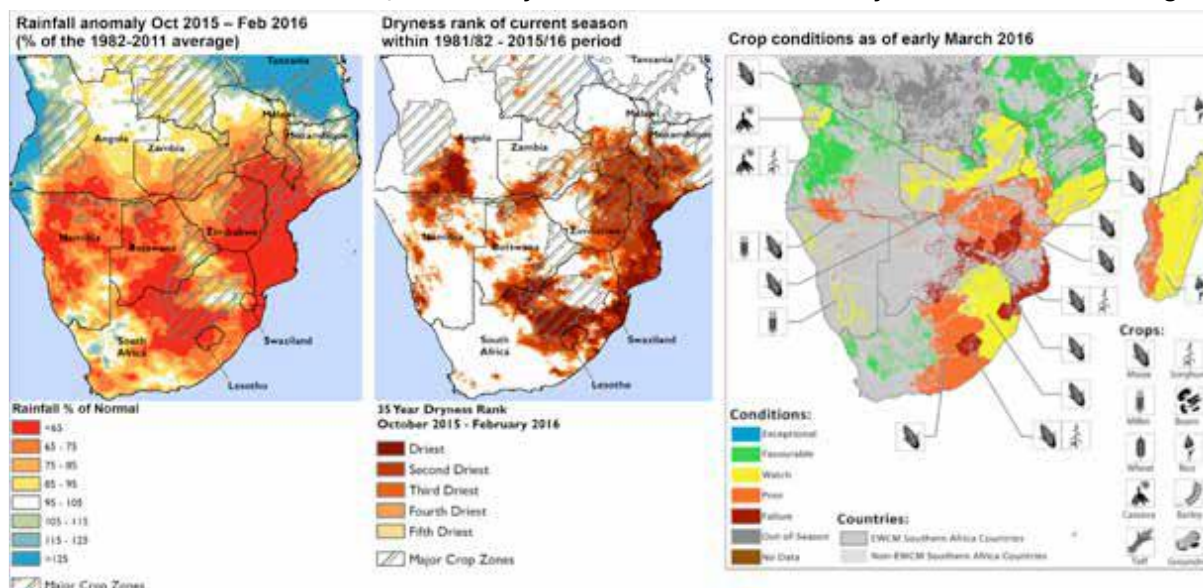
Portanto, dada as pistas analisadas, a seca no sul de Angola, deve ser tratada na perspectiva de Desastre. Segundo Favero, Sarriera e Trindade (2014, p. 203 *apud* Boyd, et al., 2010) “as secas são desastres que se manifestam por mudança ambiental e rápido declínio econômico, com consequências prolongadas no tempo”. Logo, a seca é um desastre, a partir do momento que causa danos na sociedade no qual ela se manifesta. Nesta senda, se torna um problema para sociologia quando ela é pensada enquanto um desastre.

Assim sendo, Pinazza (1993), abordando sobre a presença da seca e os seus impactos na parte meridional do continente berço, faz destaque da presença do evento em Angola. “Não obstante os outros países terem sido afetados em diferentes doses, como no caso de Angola [...] ” (PINAZZA, 1993, p. 45). Nsouli (1993, p. 20) “acresce que vastas regiões da África subsaariana foram atingidas pela pior seca dos últimos 15 anos, no período 1982-84. ” Isto nos remetendo à ideia que desde o século passado já houve registros da seca.

Existem quatro maneiras para classificação da seca: “meteorológica, edáfica, hidrológica e socioeconômico” (PEROTE, 2006, p. 44). Para entender a seca na região Sul de Angola, se quer destacar três tipos de seca: meteorológica, edáfica e

socioeconômica. Uma seca meteorológica patenteia-se quando há um desnivelamento na precipitação normal por um determinado período de tempo. A edáfica ou agrícola, é a segunda etapa da seca que se caracteriza pela carestia na umidade que afeta o desenvolvimento e a subsistência das culturas agrícolas, pastoris e florestais. Já a seca socioeconômica lesa a produção de bens e consumo, provocando contrariedades à economia da região afetada. (PEROTE, 2006).

FIGURA 4: Anomalia de chuva, classificação do nível de seca e condição das culturas em Angola



Fonte: PDNA (2016, p. 9).

A partir da figura, se percebe as proporções tanto no que tange as anomalias de chuva, a cisão do nível de seca, bem como a condição das culturas; destacando sempre a região do Sul de Angola. Outrossim, é possível verificar alguns períodos de seca que “acotovelou” a região Sul de Angola. Bem a presença de alguns tipos de seca: meteorológica e edáfica.

Bonga (2016, p. 16 *apud* Pio, 2012) argumenta que “a região sul de Angola, desde o ano de 2008, apresenta ocorrências de fome causada pela estiagem do ano de 2007 mais precisamente em alguns municípios das províncias da Huila, Namibe e Cunene”, dando destaque da seca na década passada, precisamente em 2007.

Além disso, a seca na região foi verificável em outros períodos, como mostra o PDAN (2016, p. 09):

Desde a campanha agrícola de 2011/12 que a região sul tem vivido uma situação de seca, que afeta, sobretudo, três províncias: Cunene,

Namibe e Huíla. As chuvas esporádicas durante este período trouxeram um certo alívio, mas não foram suficientes para encetar a recuperação. A seca voltou a marcar presença no calendário agrícola de 2015/16.

Eventualmente, em 2014/15, a falta de chuva foi severa e abrangente sobretudo no primeiro período da estação e prolongou-se até o final de abril de 2015. O relatório da PDNA (2016) comunga que esta estação é a mais seca dos últimos 25 anos, propriamente nas províncias do Cunene e do Namibe. Entretanto, a seca em Angola e/ou na região sul do país, é um fenómeno que direta ou indiretamente é cíclica, dada a cronologia apresentada pelo PDNA (2016), causando assim várias consequências nas populações.

Conforme PDNA (2016), só até abril de 2016, houve grande número da população afetada pela seca, sobretudo na província do Cunene, com um número de 755.930 no Cunene, 205.507 na Huíla e 177.627 no Namibe. Isso totaliza no geral 1.213.551 pessoas afetadas pela seca no país neste período.

FIGURA 5: Criança carregando alimentos



Fonte: DW¹² (2015)

FIGURA 6: População atrás de alimentos



Fonte: DW¹³ (2016)

Semelhantemente, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas¹⁴ (ONU, 2019, tradução nossa), em 2019 o sul de Angola foi impactado severamente pelo mesmo fenómeno, fruto das mudanças climáticas, as temperaturas neste mesmo

12 Disponível em: <https://bit.ly/36EWvW5> acessado em 09/01/20

13 Disponível em: <https://bit.ly/2GwTPPG> acessado em 09/01/20

14 Disponível: <https://bit.ly/2U9NEZU> acessado em: 13/01/2020

período foram as mais intensas em 45 anos e a estiagem aumentou de tal maneira a fome e a desnutrição, precisamente nas províncias de Cunene, Huíla, Bié e Namibe.

Assim sendo, é notório que ao longo dos tempos o efeito da seca tem vindo aumentando, se em 2015 o fenómeno era visto como sendo a pior, já em 2019 é tratada do mesmo jeito, porém não devido as semelhanças da sua manifestação e sim, devido aos números alarmantes que tem atingido. “A crise da seca no sul de Angola continua a deteriorar-se, com cerca de 2,3 milhões de pessoas afetadas, incluindo 491.131 crianças menores de cinco anos” (ONU, 2019, tradução nossa).

Todavia, a província do Cunene sempre tem sido apresentada como a mais afetada nas aparições das secas ao longo destes períodos.

A situação se deteriorou de janeiro a março deste ano, com o número relatado de pessoas enfrentando insegurança alimentar na província de Cunene, passando de 249.884 pessoas em janeiro para 857.443 em março e em junho permanecendo em torno de 860.000. (ONU, 2019, tradução nossa).

Pese embora a província do Cunene se situar na zona agroecológica árida e semiárida no sul de Angola e se caracterizar por desertos, savanas e florestas. (PDNA 2016). A questão de o solo ser árido e semiárido, não justifica a constante ocorrência da seca e, sendo deteriorante quando se manifesta na província.

“Nas diversas regiões semiáridas do mundo essa questão já foi solucionada pela tecnologia. Os casos de Israel e oeste dos Estados Unidos são exemplos de que a ideia da condição semiárida não está irremediavelmente com o da miséria.” (PEROTE, 2016, p. 46)

Dessa maneira, entender a ação do Estado angolano diante desta realidade é imprescindível, especificamente na província do Cunene de modo a se atingir o objetivo que norteia a pesquisa.

6.2 O Estado e suas políticas face à seca no Cunene

Angola atravessou uma guerra civil que durou quase três décadas e levou o país em destruições significativas. Neste período o país se encontrou desestabilizado em vários setores e que contribuiu para os atrasos no desenvolvimento da população e/ou no país em si. (BONGA, 2016; PDNA, 2016). Entretanto, com o cessar da guerra em 2002, Angola teve um crescimento bastante progressivo na sua economia e política.

Desde o final da guerra em 2002, Angola realizou significativos progressos em termos econômicos e políticos, assentes no crescimento econômico impulsionado pelo aumento da produção e preço do petróleo. Entre 2003 e 2008, Angola registou um crescimento médio anual na ordem dos 17%, o que lhe garantia constantemente um lugar entre as três economias de crescimento mais rápido no mundo. (PDNA, 2016, p. 19).

Ainda assim, apesar de uma expansão expressiva na economia pós-guerra civil, ao ponto de se tornar uma das economias crescentes mais acelerado no mundo; a desigualdade em Angola, os desafios em termos de desenvolvimento e até os problemas de saneamento básico ainda se fazem sentir em Angola onde uma boa parte da população ainda vive na pobreza e sem acesso aos serviços básicos. (Bonga, 2016; PDNA, 2016).

Por consequência, dada a ausência de ferramentas ou estratégias para o desenvolvimento do país, alguns problemas começaram a emergir no território nacional, entre eles, se verificou a escassez de chuvas¹⁵ e por efeito, a seca se notificou nas províncias do sul de Angola, impactando negativamente a população, com o destaque na província do Cunene. (Bonga, 2016).

Entretanto, tem se construído narrativas devido ao fato da província do Cunene se situar numa zona agroecológica árida e semiárida no sul de Angola, para legitimar o desastre no local. Assim sendo, discursos desta categoria tem sido

15 Lembrando que essa escassez de chuva não se deu depois da guerra, pelo contrário, ela sempre esteve presente, porém a conjuntura política na época tirava a visibilidade do problema em discussão no projeto. Conforme foi apontado no tópico anterior.

frequente, nos remetendo a ideia da associação do solo árido ou semiárido à seca, no intuito de naturalizar a seca enquanto problema ligado a um ecossistema específico e, ao mesmo tempo a miséria nas regiões com os solos característicos. Todavia, Perote (2006, p. 46), afirma:

Em verdade, a seca incide no Brasil bem como também na África, Ásia, Austrália e América do Norte. Nas diversas regiões semi-áridas do mundo essa questão já foi solucionada pela tecnologia. [...], a irrigação com alta tecnologia foi uma resposta ao problema da seca.

De fato, Angola é um país com bastantes recursos hídricos pois “comporta 47 Bacias Hidrográficas Principais e 30 Sub-bacias, das quais, com relevância internacional destacam-se o Cunene” (BONGA, 2016, p. 28). Ainda segundo Gomes (2012, p. 02), “Angola tem abundância de recursos geológicos [...], de recursos hídricos (alberga as bacias hidrográficas dos rios Zaire, Zambeze, Kwanza, Kubango, Kuando e Kunene).”

Como vemos, Angola é um potencial no que concerne os recursos hídricos, todavia, existe uma discrepância na distribuição deste mesmo recurso. Salientando ainda que uma das principais bacias hídricas do país se localiza na província que mais sofre com a seca, nomeadamente a província do Cunene. “O potencial hídrico não vai ao encontro das necessidades das populações e da agricultura” (GOMES, 2012, p. 03)

No contexto regional, Angola surge aparentemente folgada em matéria de reservas hídricas, embora com assimetrias no seu interior. [...], o país dispõe da terceira maior disponibilidade de água doce renovável anual da região, a seguir ao Congo e a Moçambique. (PEREIRA, 2013, P. 13).

Diante desta realidade, é incompreensível que existam discursos que justificam a precariedade ou a falta de acesso à água, sobretudo para uma maioria da população angolana. Pereira (2013) denuncia que as desproporções no acesso à água, o preço e o peso nos orçamentos familiares e, a qualidade da água; promovem a carência de consumo na população.

Por outro lado, “Vários países aparecem já em stress hídrico ou com escassez crônica, tornando imperiosa a cooperação com países vizinhos, nomeadamente com Angola” (PEREIRA, 2013, p. 12). Neste sentido, é indubitável que o Estado angolano

está mais impulsivo nas negociações externas, especificamente, com países vizinhos do que para mostrar interesse em resolver as problemáticas internas com os angolanos, o Governo deve se mobilizar mais para as questões internas do país. Gomes (2012) afirma que o Estado angolano em suas ações é alheio às preocupações do meio ambiente, porém, formalmente age diferente, i.e., cria vários decretos e leis apenas para o cumprimento de uma formalidade.

Como resultado, o Governo angolano na pessoa do presidente cessante José Eduardo dos Santos, divulgou um Decreto Presidencial nº 103/11 de 23 de maio de 2011, intitulado: *Plano estratégico de gestão do risco de desastres*. Que tem como objetivo “contribuir para o processo de desenvolvimento sustentável do País, através da redução das vulnerabilidades e o impacto dos desastres, com ênfase nas áreas de maior incidência da pobreza e da degradação ambiental.” (ANGOLA, 2011, p. 15).

Ainda, segundo o Decreto Presidencial nº 1003/11 de 23 de maio de 2011, o Governo angolano já tinha a consciência dos casos de secas ocorrentes nas províncias do Sul, todavia, a partir deste decreto é percebível o discurso da associação do território como sujeição para a presença da seca e permanência dela (ANGOLA, 2011). Todavia, formalizou-se a partir do mesmo Decreto algumas ações necessárias e coordenações para dar possíveis soluções ao problema. (ANGOLA, 2011).

Como se pode observar, as políticas que se criou para acudir ou aliviar a situação em 2011, não deram conta da situação. Como fundamento disto, é a presença massiva da seca atualmente e com mais severidade.

Segundo Bonga (2016), o Estado angolano mais uma vez estruturou um plano, desta vez em 2013, plano este de resposta multi-setorial que restringiu na distribuição de produtos alimentares e não alimentares, abastecendo água (através de construção de furos de captação e através de caminhões cisternas), insumos agrícolas, construção e reajustes de diques. Tal programa ou plano abrangeu aproximadamente 600 mil pessoas nas províncias mais sofridas.

Por certo, tais medidas ainda são usadas na atualidade, não obstante, a mídia privada local e internacional chamou a atenção do Estado para tratar este assunto com mais seriedade. Em contrapartida, a mídia estatal, abordando a problemática em seus órgãos de transmissão, apresentou as medidas tomadas pelo Executivo como

sendo proativas e de grandes feitos do Estado para dar conta da situação. Todavia uma gestão proativa da seca é totalmente contrária ao que o Estado Angolano prega.

Uma gestão proativa da seca significa tratar as vulnerabilidades, e não os sintomas, dispondo de mecanismos para melhor conseguir prever e monitorar os eventos de seca, orientando as medidas de prevenção e alívio aos efeitos da seca com maior eficiência, objetividade e efetividade. (NYS et al., 2014, p. 03).

Considerando os planos acima mencionados que foram adotados pelo Estado angolano, o pensamento de Nys *et al.* (2014) a respeito da gestão proativa da seca nos remete a ponderar eventualmente uma falta de seriedade ou desinteresse do Estado para a resolução da problemática, pois tais planos não oferecem segurança a longo prazo, i. e., sustentam um ciclo vicioso que vem desde muito tempo e, que nos faz se questionar se verdadeiramente há um interesse do Estado em quebrar este ciclo.

Aliás, Dubois (2009, p. 18, tradução nossa), na sua abordagem sobre *A ação pública*, aponta que “as práticas de intervenção pública, o significado atribuído a elas e seus efeitos potenciais são, portanto, produtos de processos de mobilização [...] e de institucionalização.” Ele chama isso de “*Modus operandi e modos de legitimação*”; onde as autoridades públicas participam desse processo de produção e legitimação das práticas.

Contingentemente, torna-se necessário pensar a seca enquanto desastre em Angola como sendo um problema construído a partir das autoridades públicas e, por conseguinte, difundida pela mídia. Pois, “para que um problema exista socialmente, é necessário ter informações sobre ele e estruturas para interpretá-lo.” (DUBOIS, 2009, p. 14). No caso, a grande massa populacional sendo a estrutura interpretativa e a mídia como a divulgadora das informações.

Desta feita, há uma brecha para se pensar o porquê das possíveis falhas ou desinteresse na busca das fórmulas certas para erradicar a seca no sul de Angola com destaque no Cunene, obviamente que se tal ocorrência ainda é notificada atualmente, existem interesses por parte das autoridades públicas. Todavia, tais impulsos miserabilizam vidas e tiram o direito do corpo como sendo um espaço ontológico. “*Há corpos abjetos que não gozam de uma determinada situação ontológica*” (PRINS e MEIJER 2002, p. 161).

6.3 Corpos em crise no Cunene

A perspicácia do termo abjeto deve ser vista não apenas limitada no corpo da pessoa. Entretanto, é necessário ampliar a visão e perceber o abjeto nos espaços aonde o corpo está inserido. A noção ultrapassa os limites do corpo e, com toda legitimidade se apropria do seu território, pese embora as lutas de exclusão e/ou dizimação é muito forte.

“O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito.” (BUTLER, 2000, p. 02)

O tratamento dos habitantes do Cunene os coloca neste viés de abjeto ou exclusão, apesar de ser simbólica, é tão evidenciada. A estrutura do Estado acaba naturalizando e marginalizando tais povos e lhes mantendo naquela miséria.

Lembrando que esses problemas não são "naturais", não se impõem, e que as autoridades públicas geralmente participam ativamente de sua formação, essa perspectiva possibilita romper com a visão espontaneamente funcionalista, considerando as políticas como respostas (necessárias) a problemas preexistentes. (DUBOIS, 2009, p. 14 Tradução nossa).

Analogamente, a província do Cunene tornou-se objeto de discursos de subalternização e discriminação sobre a população e o seu estado atual, mesmo que seja de uma maneira subentendida nas autoridades públicas, ONGs e na mídia. Ademais, esses discursos reduzem a população à miséria. No artigo intitulado “A seca ‘mora’ no Cunene” (ANGOP, 2019), são usadas as palavras e expressões seguintes: população debilitada, carentes extremos, cadáveres em formação... invocando sempre a agudeza da miséria e negando outros aspectos – em particular sociais e políticos – da história do tal fenómeno na região.

FIGURA 7: Crianças saciando-se no Cunene



Fonte: TPA (2015)¹⁶

FIGURA 8: Alimentos para doação - Cunene



Fonte: ANGOP (2019)¹⁷

Segundo Fabris (2009 *apud* EWING, 1996) todas as fotografias que exibem um corpo humano principalmente são potencialmente políticas, na medida que são utilizadas para controlar opiniões ou influenciar ações. E a foto pode impactar mais do que um vídeo, sabendo que a foto, diferente de um vídeo, é estática. Fixando nela é possível observar o conteúdo com mais delicadeza possível.

Nestas fotografias que vêm sendo publicadas tanto por parte da mídia nacional ou internacional, há todo um discurso construído de miserabilismo sobre os corpos expostos. Entretanto, podemos pensar o miserabilismo enquanto um processo de corpo abjeto na perspectiva de Butler. O miserabilismo se manifesta sobre aqueles que a estrutura desestrutura. Logo, esse modo de olhar dialoga com o conceito de corpo abjeto de Butler (PRINS e MEIJER 2002, p. 160) “Corpos que *não* importam são corpos ‘abjetos’. Tais corpos não são inteligíveis (um argumento epistemológico) e não têm uma existência legítima (um argumento político ou normativo). ”

Partindo deste pressuposto, a mídia pública angolana bem como outras que cobrem este caso (apesar de que em um certo momento aparecem chamando a responsabilidade do Estado), têm promovido discursos que de certa maneira reforçam

16 Disponível: <https://bit.ly/2GBBT6p> acessado em 18/01/2020.

17 Disponível: <https://bit.ly/2U4kjA5> acesso em 18/01/2020.

esse processo de miserabilização ou destituem o corpo dito sofrido ou pobre na sociedade. Como disse Butler, “os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue.” (PRINS e MEIJER 2002, p. 163).

Conforme Lahire (2001, p. 170, tradução nossa) “existem tantos problemas sociais reais que apenas alguns deles podem se tornar grandes causas nacionais” Na concepção de Lahire, as autoridades públicas, são os principais agentes em promover e/ou dar ênfase a problemas que não necessariamente poderiam ser vistos como grande problema nacional ou inverso a isto. Isto é, o que o Estado quer mostrar e legitimar como sendo problema ou não, assim o fará.

Essa perspectiva nos dá abertura para pensarmos o posicionamento do Estado Angolano face a seca no Cunene. Na reflexão de Lahire, as autoridades públicas se manifestam como promotores de problemas, para depois buscarem políticas de solução destes mesmos problemas (DUBOIS, 2009, tradução nossa).

7 METODOLOGIA

A confecção deste trabalho científico é fundamentada em uma pesquisa exploratória¹⁸, com tratamento bibliográfico, buscando fontes secundárias e com um trato qualitativo, intencionando assim investigar a respeito da seca no sul de Angola: corpos em crise, mídia e o posicionamento do Estado na província do Cunene 2015 e 2019.

Os dados extraídos e citados neste projeto foram selecionados nas edições publicadas pelos jornais de notícias locais denominados: Jornal de Angola, DW-África e a ANGOP (Agência de Notícia Oficial do Estado Angolano), todas com versões online. De igual modo, para realizar este projeto, pretende-se complementar as fontes escritas e fotográficas com reportagens audiovisuais especificamente sobre o assunto em questão, reportagens estas também produzidas pela ANGOP e a TPA (Televisão Pública de Angola), bem como analisar alguns documentos do Estado, especificamente Decretos leis (que tratam sobre a seca no país). Para que por meio das tais possamos analisar como as políticas criadas pelo Estado têm servido ou não de incremento para a população do Cunene.

Entretanto, analisaremos as bibliografias de autores que já abordaram sobre o assunto na perspectiva sociológica em diferentes realidades ou espaços geográficos e, deste modo fazer uma comparação com a situação do sul de Angola, exatamente o Cunene. Outrossim, discorreremos as reportagens audiovisuais que tratam do assunto, para analisar as construções que se tem feito em torno desta situação.

Concomitantemente, a partir dos jornais, vamos analisar os discursos ou a maneira que os jornais tratam sobre o assunto e como apresentam o posicionamento do Estado diante da situação, ademais, também faremos uma análise minuciosa nas fotografias publicadas pela imprensa local e internacional. Levando em consideração que as fotografias têm uma dimensão política, porque adentram no imaginário da sociedade e criam conceitos quem podem servir de preconceitos (FRABRIS, 2009).

18 “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 27).

8 CRONOGRAMA

	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	JAN.
ATIVIDADES						
Escolha do tema e determinação dos objetivos e hipóteses	X					
Escolha de fontes e formas de coletas de dados		X	X			
Coletas de dados		X	X	X	X	
Análise do material coletado e confecção do TCC				X	X	X
Revisão do TCC, entrega e preparação para apresentação						X

9 FONTES

ANGOLA24HORAS. **Governo angolano aprova projetos contra seca no Cunene no valor de U\$ 760 milhões.** 14 outubro 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2S3yuCZ>> Acessado em 13/12/2019.

ANGOLA24HORAS. **Padre católico lamenta "preocupante situação de seca e fome" na província do Cunene.** 30 janeiro 2019. Disponível em <<https://bit.ly/38Je7Bw>> Acessado em 13/12/2019.

ANGOP. **A seca "mora" no Cunene.** 16 maio de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2tRAwxZ>> Acesso 21/11/2019.

ANGOP. **Seca no Cunene com números assustadores. 30 abril de 2019.** Disponível em: <<https://bit.ly/316b1VI>> acesso em 21/11/2019.

DEUTSCHE WELLE. **Angola é o PALOP onde a população mais sofre com a fome, aponta índice global.** 11.10.2016. Disponível em: <<https://bit.ly/38P2Yiz>> Acessado em 09/01/20.

DEUTSCHE WELLE. **Fome e seca no sul de Angola: Estado de emergência já devia ter sido declarado?.** 08.08.2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2RETUhr>> Acesso em 26/11/2019.

DEUTSCHE WELLE. **Seca no sul de Angola tem consequências devastadoras.** 17.12.2015. Disponível em: <<https://bit.ly/313XRIR>> Acessado em 09/01/20.

ONU. **UN Resident Coordinator calls for urgent support to Angola to address rising humanitarian needs [EN/PT].** 08. 12. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2GBbN3s>> Acesso em: 13/01/2020.

TPA. **Fome e seca no Cunene.** 28 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3aPzJhr>> Acessado em 18/01/2020.

UNICEF. **Cavar para sobreviver – Como as pessoas enfrentam a seca no Cunene.** 14 agosto 2019. Disponível em: <<https://uni.cf/37DYoDF>> acesso em 26/11/2019.

10 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Evandro José Coelho do. **A utilização das tecnologias de informação e comunicação (tic) nas organizações**. NewPaper nº 37/2018. Abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/36FG8IK>> acesso em 12/11/2019.

ANGOLA. **Decreto Presidencial n.º 103/11**, de 23 de maio. PLANO ESTRATÉGICO DE GESTÃO DO RISCO DE DESASTRES. Disponível em: <<https://bit.ly/3125sHU>> acessado em: 17 de setembro de 2019.

AVALIAÇÃO DAS NECESSIDADES PÓS-DESASTRE. **Seca em Angola 2012-2016**. Jul./Ago de 2016. P. 1-102. Disponível em: <<https://bit.ly/2GwpVLq>> acessado em: 29 de setembro de 2019.

BONGA. Jorge Yonuma Hotel. **Tecnologias Para Mitigação Dos Efeitos Da Seca Na Bacia Hidrográfica Do Rio Caculuar Em Angola**. SÃO CRISTÓVÃO, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3aVoxzO>> acessado em: 06 de outubro de 2019.

BUTLER. Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2U8lm1O>> Acessado em: 29 de outubro de 2019

DUBOIS. Vincent. **L'action publique**. p. 311-325, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2vvrVRP>> Acessado em: 14 de novembro 2019.

FABRIS. Annateresa. O Corpo Como Território Do Político. **ISSN – 1808 - 8473**, Vol. 1, nº 6, Ano VI, Dez/2009. P. 416-429. Disponível em: <<https://bit.ly/36C8XFZ>> Acessado em: 17 de Novembro de 2019.

FAVERO. Eveline.; DIESEL, Vivien. **A seca enquanto um hazard e um desastre: uma revisão teórica**. Aletheia 27(1), jan./jun. 2008. p.198-209. Disponível em: <<https://bit.ly/37BuXlG>> acessado em 15 de outubro de 2019.

FAVERO. Eveline; SARRIERA, Jorge Castellá; TRINDADE, Melina Carvalho. O DESASTRE NA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA E PSICOLÓGICA. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, abr./jun. 2014. p. 201-209. Disponível em: <<https://bit.ly/2RUWLuM>> Acessado em: 07 de outubro de 2019.

FRÉTIGNÉ. Cédric. Discours politiques, actions militantes La sémantique de l'exclusion. In : Cédric Frétigné. **Sociologie de l'exclusion**. 1999. P. 03. Disponível em : <<https://bit.ly/2vpnesH>> Acessado em : 18 de outubro de 2019.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6^a.ed. São Paulo: Atlas, 1999. P. 1-197. Disponível em: <<https://bit.ly/2vzyinl>> Acessado em 30 de dezembro de 2019.

GOMES. Carla Amado. **O desafio da protecção do ambiente em Angola**. Cabinda, outubro de 2012. P. 1-23. Disponível em: <<https://bit.ly/2U5vNDh>> acessado em: 03 de novembro de 2019.

GOSSELIN. Anne-Sophie. **La danse à l'école des pauvres : projet politique d'intégration sociale des enfants des favelas: l'exemple d'une ONG à Fortaleza, Brésil**. Doutorado em STAPS, Paris 10 – Nanterre, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/37E0kfA>> acessado em: 27 de dezembro de 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA (INE). 2010. IBEP: Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População 2008-2009. Luanda, INE, 13 p. Disponível em: <<https://bit.ly/2Gxk6xj>> Acessado em: 16 de outubro de 2019.

LAHIRE. Bernard. **L'invention de l'« illettrisme ». Rhétorique publique, éthique et stigmates**. — Paris : La Découverte, 1999. — P.370. Disponível em: <<https://bit.ly/3aSLELo>> Acessado em: 24 de Novembro de 2019.

MATTEDI. Marcos Antônio.; BUTZKE, Ivani Cristina. **A relação entre o social e o natural nas abordagens de hazards e desastres**. *Ambiente & Sociedade* Ano IV – Nº 9 – 2º Semestre de 2001. P. 1-22. Disponível em: <<https://bit.ly/2t4Dcro>> Acessado em: 22 de outubro de 2019.

NSOULI. SALEH M. Ajuste estrutural na África subsaariana. **Finanças & Desenvolvimento**. Setembro/1993. P. 20-23. Disponível em: <<https://bit.ly/37HrToc>> Acessado em 17 de novembro de 2019.

NYS, E. et al. **Convivência com o semiárido e gestão proativa da seca no nordeste do Brasil**: uma nova perspectiva. Brasília: Banco Mundial, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/36CtKJF>> Acessado em 01 de novembro de 2019.

PEREIRA. Álvaro. Água em Angola: a insustentável fraqueza do sistema institucional. **Revista Angolana de Sociologia [Online]**, 8 | 2011. Dezembro 2013. P. 64-84. Disponível em: <<https://bit.ly/2ulxjAR>> acessado em: 03 dezembro 2019.

PEROTE. Lícia Tereza Rodrigues. **Jaguaribara: A Cidade Submersa. História De Uma Cidade Planejada No Sertão Do Ceará**. Puc-Campinas, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2U2Lawt>> acessado em 27 de novembro de 2019

PINAZZA. Luiz Antonio. **Seca e guerra na África**. Janeiro de 1993. P. 45-47. Disponível em: <<https://bit.ly/2tSlt7c>> Acessado em 30 de novembro de 2019.

PRINS. Baukje.; MEIJER. Irene Costera. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Tradução: Funck de Susana Bornéo. 2002. P. 155-167. Disponível em: <<https://bit.ly/2RXToDu>> acessado em: 08 de novembro de 2019.